

## **Globalization & Football**

GIULIANOTTI, Richard; ROBERTSON, Roland. *Globalization & Football*. London: Sage, 2009.

Martin Curi

Dr. em Antropologia

Universidade Federal Fluminense

André Gil Ribeiro de Andrade

Doutorando em Antropologia

Universidade Federal Fluminense

O escocês Richard Giulianotti (Durham University, Inglaterra) talvez seja o sociólogo mais conhecido do mundo a pesquisar o *campo* (cf. Bourdieu) do futebol. Ele publicou uma vasta quantidade de livros sobre o assunto. Seu livro “Sociologia do Futebol” (2002) se tornou uma referência para os pesquisadores que querem estudar futebol, em especial na área das Ciências Sociais e Humanas. Já neste livro, Giulianotti demonstrava seu interesse sobre os fenômenos da globalização e como a mesma influenciou o futebol. Para ele, este esporte se mostrou bastante apropriado para observar e teorizar sobre a globalização, dada sua grande expansão pelo mundo. Por isso não é surpreendente que Giulianotti tenha se aliado a Roland Robertson (University of Aberdeen, Escócia), um dos principais teóricos na área da Sociologia da globalização, para analisar o futebol.

No presente livro, os autores entendem o futebol como o esporte mais globalizado, chamando-o de “*global game*” ou “*world game*” (p. 170), e baseiam suas análises nas ferramentas teóricas desenvolvidas por Robertson em sua carreira, que guiam a estrutura do

livro. Dessa forma, os autores entendem que o conceito de globalização “*refers both to the compression of the world and the intensification of consciousness of the world as a whole*” (p. xi). Isso significa que as pessoas, num mundo globalizado, não têm apenas as possibilidades de se conectar intensamente com o mundo inteiro, mas também podem refletir sobre o mundo como totalidade.

Com esta definição de globalização, os autores já indicam que, para eles, a globalização é um processo bastante complexo e heterogêneo, com as mais diversas conseqüências, tanto em nível local, como em nível global. A base para este argumento é desenvolvida num primeiro capítulo sobre a história do futebol e sua distribuição sobre o mundo, em que apontam paralelos com a própria história do processo de globalização. Esta última poderia ser estruturada em seis fases: “*germinal*” (ca. sec. XV – sec. XVIII), “*incipient*” (ca. 1750 – 1870), “*take-off*” (ca. 1870 – 1920), “*struggle-for-hegemony*” (ca. 1920 – 1960), “*uncertainty*” (ca. 1960 – 2000) e, finalmente, “*millennial*” (ca. desde 2000) (p. 3 – 5). Ou seja, a globalização não é vista como um fenômeno recente, mas como algo que tem suas raízes no século XV, a época dos grandes descobrimentos. Mesmo reconhecendo que a globalização teria, a partir desta época, um desenvolvimento lento, os autores afirmam, que já na terceira fase do “*take-off*” estariam cristalizados todos os “*elemental reference points*”, quais sejam: “*individual selves*”, “*nation states*”, “*international relations*” e “*humankind*” (p. 4).

Giulianotti e Robertson tomam estes quatro pontos de referencia para analisar o futebol nas últimas três fases da globalização citadas acima, desenhando um quadro bastante complexo, que vai desde as conseqüências nas vidas dos indivíduos até o surgimento de entidades internacionais.

A partir destas reflexões os autores estabelecem, no seu segundo capítulo, intitulado “*Culture: The Glocal Game, Cosmopolitanism and Americanization*” (p. 31), o seu argumento

central. Eles afirmam que nos processos da globalização há uma forte interdependência entre global e local, universal e particular, homogeneização e heterogeneização. Os autores observam um estranho fenômeno: enquanto podemos nos conectar com crescente facilidade aos mais diversos e distantes cantos do mundo, deixando nosso país de origem para trás, as organizações regionais e locais, como nações, tradições locais ou clubes, p.ex., não perdem importância; até pelo contrário: aparentemente, aumentam a sua importância. Por isso seria mais adequado de falar em *glocalização*, conceito disseminado por Robertson nos anos 1990.

Com este conceito de *glocalização*, os autores relativizam teses como a de uma suposta “*Americanization*” (p. 51), que seria a consequência da globalização e que consiste num imperialismo da cultura norte-americana invadindo todos os outros países e criando uma cultura única e pasteurizada global. Ao contrário disso, Giulianotti e Robertson chamam a atenção para o desenvolvimento de uma “*Americolonization*” (p. 55), especialmente no futebol. Este não é um esporte tradicionalmente forte nos EUA, mas ganha mais e mais importância como esporte dos migrantes e das mulheres, se tornando um fator econômico considerável. Ou seja, na verdade, os EUA estariam sendo colonizados por um elemento cultural considerado estranho, exógeno.

Desta forma, os autores apontam, por um lado, para uma integração quase generalizada à cultura global do futebol, à qual nem os EUA resistem. A FIFA, como entidade máxima da organização global do futebol, cuida da homogeneização das regras do futebol, tentando inclusive exigir certos modelos de estádios para a sua prática. Assim, o interior dos estádios em eventos globais, como as Copas do Mundo, parece mais e mais uniformizado. Isso vale tanto para os EUA, quanto para países tão distintos como a África do Sul, a Alemanha ou o Japão.

Por outro lado, os autores relatam também uma fragmentação, através do surgimento de novas culturas futebolísticas, com traços locais, que buscam se distinguir de outras, como,

por exemplo, o caso de muitos dos migrantes aos EUA, que preferem jogar futebol (e não beisebol ou futebol americano) ou a insistência do Brasil em continuar com seu sistema de campeonatos distintos do resto do mundo. Segundo eles, podemos ainda observar nacionalismos excepcionais, especialmente durante as Copas do Mundo. Ou seja, há, na verdade, uma “*duality of glocality*” (p. 46), que consiste em divergências e convergências simultâneas. Isso por que a globalização seria dependente das nações e das entidades locais.

Em seguida os autores analisam esta *glocalidade* dual em três capítulos sobre Economia, Política e o Social. Nestes capítulos Giulianotti e Robertson elegem quatro temas transversais que formam, junto com os pontos elementares de referencia, quatro duplas: “*neo-liberalism*” e “*individual selves*”, “*neo-mercantilism*” e “*national societies*”, “*international governance*” e “*international relations*”, “*global civil society*” e “*humankind*” (p. 164). Estes pontos de referencia servem em princípio para reforçar o argumento central de que estamos frente a um fenômeno de *glocalização*.

Enquanto parece que a “*humanidade*” inteira segue o futebol que é controlado por uma única organização, chamada FIFA (o que diminuiria a importância das nações e tornaria os seus indivíduos insignificantes), observa-se também uma tendência para o neoliberalismo, no qual interesses individuais prevalecem, com um fortalecimento das nações, para representar os interesses dos seus cidadãos e formar identidades particulares. Este, podemos pensar, seria o caso das variadas representações e identidades contrastivas que são construídas acerca das “nações futebolísticas”, acionadas em momentos-chave, como as Copas do Mundo. Estas nações estariam agindo segundo um neomercantilismo, ou seja, o fortalecimento de interesses mercantis de uma determinada nação, defendendo estes interesses contra interesses individuais/neoliberais ou de corporações internacionais. Dessa forma os autores conseguem descrever a complexidade do processo de *glocalização* e das questões que a mesma suscita, evitando simplificações.

O livro busca uma densa reflexão teórica sobre o fenômeno da globalização através do caso da grande disseminação do futebol. Isto coloca certas questões teóricas no centro das atenções e deixa a pergunta sobre o que de fato mudou com a globalização. Se existem nações poderosas e conexões internacionais há mais que 500 anos, como os próprios autores afirmam, então nada mudou? Qual é de fato o desenvolvimento estrutural global?

Por várias vezes, durante toda a apresentação dos dados nos capítulos sobre história, cultura, economia, política e o social do futebol, os autores chamam a atenção para um efeito de aumento de desigualdades sociais. Giulianotti e Robertson identificam principalmente uma região com vantagens estruturais, que eles chamam de “*Big 5*” (p. 63), o que inclui os sistemas futebolísticos da Inglaterra, França, Alemanha, Itália e da Espanha. A globalização seria mais especificamente benéfica para estas sociedades nacionais e suas estratégias neomercantilistas.

Mas, ao mesmo tempo, os autores percebem que há um aumento da desigualdade social também dentro destes países, porque a globalização dá vantagens aos clubes grandes, que conseguem se estruturar e comportar como “*TNC’s*” = “*Transnational Corporations*” (p. X), ou seja, empresas internacionais. Arsenal, Manchester United, Real Madrid ou Barcelona são citados como exemplos de clubes que conseguem recursos através das publicidades, contratos de televisão ou a participação em competições internacionais bem acima de outros clubes destes mesmos países.

O argumento central é de que houve um aumento da orientação mercantil dos grandes clubes e federações de futebol, que conseguiram, dessa forma, certa independência em relação às entidades locais e nacionais. O desenvolvimento da globalização possibilitou a algumas corporações fortes se imporem no mercado global, tornando-se, desta forma, atores adicionais ao rol de atores já existentes. Dessa forma, globalização significa uma multiplicação de atores e conseqüentemente algum deslocamento de poderes. Especialmente, nesse caso, algumas

entidades privadas, como os clubes e federações, chamados *TNC's*, aproveitariam a globalização para desenvolverem-se, aumentando, em seu próprio benefício, os níveis de desigualdade econômica.

Ao mesmo tempo em que o desenvolvimento da globalização é vantajoso para entidades que já são poderosas, este seria um processo que abre a possibilidade de formação de novos atores globais poderosos. Estes últimos poderiam se manifestar principalmente através da captação do direito de sediar mega-eventos esportivos. Os autores praticamente previram a escolha das sedes das Copas do Mundo de 2018 (Rússia) e 2022 (Qatar): *“Elsewhere, particularly if the credit crunch has long-term global impacts, accumulated wealth in the Gulf states and Russia may be a fresh source of financial support for the global game, notably in elite club ownership, sponsorships, and hosting of mega-events”* (p. 170). Neste sentido, podemos deduzir que o próprio Brasil, com seu interesse em se tornar um “global player”, pode ser pensado por esse registro.

Não obstante o grande interesse do que foi apresentado, é preciso notar que, do ponto de vista da Antropologia, os conceitos de “cultura” e de “social”, para os quais os autores dedicam capítulos específicos, não foram esboçados. Tais definições, em contraponto ao certo vazio metodológico deixado, poderiam oferecer a chance de descrever e analisar com mais precisão as alterações descritas como sendo relativas ao processo de globalização e suas implicações locais e globais. A contribuição dos autores para uma teoria da globalização e suas implicações é importante. Mas esta contribuição exigiria uma formulação mais cuidadosa do que é entendido como “cultura” ou como “social”, categorias que são deixadas um pouco ao livre entendimento do leitor, ainda que especializado na temática. Quais as noções que os autores estabelecem sobre estes conceitos, para efeitos da análise que propõem? A partir desta definição poderíamos entender mais profundamente como a globalização teria mudado a cultura e o social nos casos citados.

Chama a atenção, inclusive, que os indivíduos, as nações e as corporações internacionais sejam entidades tão bem definidas, homogêneas, que tem seus representantes para defender os seus interesses, a despeito de uma provável heterogeneidade de interesses vigente nos vários níveis analisados. Além disso, o ponto de referencia “*humanidade*” (“*humankind*”, no original) parece um tanto genérico, uma representação por demais abstrata e, portanto, indo contra a própria idéia de atuação local, em vista do global, acionada no uso do termo “*glocalization*”.

No capítulo final os autores citam várias vezes fraquezas e perigos da globalização. Parece que a principal vítima deste aumento de atores e poderes é a própria “*humanidade*”. Uma definição mais clara dos termos “*cultural*” e “*social*”, e um cuidado no uso do termo “*humanidade*”, poderiam melhorar ainda mais a clareza do entendimento do desenvolvimento e das mudanças estudadas.

Não obstante essas últimas problematizações, é importante ratificar que o livro oferece ótimas reflexões sobre tendências da globalização, ou melhor, falando como os autores da “*glocalização*”. Os capítulos sobre história, cultura, economia, política e o social do futebol são verdadeiros arquivos de informações sobre os desenvolvimentos nestas áreas, nas mais diversas regiões do mundo. Isto deve ajudar muitos pesquisadores, tanto com interesse em futebol, quanto em globalização. Assim, é um livro que carrega muitas sugestões de campos de pesquisa em qualquer uma dessas grandes áreas e que oferece ótimas primeiras idéias e *insights* para novas e produtivas pesquisas.